

VERGÍLIO FERREIRA: A PALAVRA, SEMPRE E PARA SEMPRE. CONHECER POÉTICO E TEORIA DA LINGUAGEM *

Peut-être les poètes et les enfants, c'est-à-dire ceux, parmi les usagers de la langue, qui savent le mieux en *jouer* et en *jouir*, en ont-ils plus à nous apprendre sur le langage que les spécialistes. La linguistique est une chose trop sérieuse pour la laisser aux seuls linguistes.

MARINA YAGUELLO, *Alice au Pays du Langage*

0.1. «Linguista sum, linguistici nihil a me alienum puto». Era inevitável, ao iniciar esta minha primeira incursão em domínios afins à literatura, lembrar Jakobson e a sua bela paráfrase de Terêncio ¹.

Não o faço, porém, para me escudar contra qualquer possível acusação de ilegitimidade nem muito menos em jeito de pedido de desculpa. Estou profundamente de acordo com o mesmo Jakobson quando reclama para o linguista não só o direito mas também o *dever* de estudar o fenómeno literário em todos os seus aspectos e em toda a sua extensão e engloba numa mesma acusação de «flagrantes anacronismos» quer o linguista surdo à função poética quer o estudioso de Literatura indiferente aos problemas da Linguística ².

* Este artigo constitui, no seu • essencial, a comunicação que, com o mesmo título, apresentei ao Colóquio *Teoria da Linguagem/Teoria da Literatura* que teve lugar em Évora de 13 a 15 de Março de 1986. Investigação subsidiada pelo C. I. n.º 96/85 da Universidade do Porto.

¹ JAKOBSON, R., «Le Langage commun des linguistes et des anthropologues», in *Essais de Linguistique Générale*, Paris, Minuit, 1963, p. 27.

² JAKOBSON, R., «Linguistique et Poétique», *ob. cit.*, p. 248.

0.2. A relação entre Linguística e Literatura costuma, de um modo geral, ser encarada bastante unilateralmente: o que é visado é o contributo da ciência da linguagem — e talvez mais ainda, actualmente, de uma sua versão alargada, a semiótica, ciência das linguagens — para a compreensão do texto literário. Já o inverso, isto é, o estudo do fenómeno literário como contributo para uma melhor compreensão da linguagem e seu funcionamento, é um aspecto deixado na sombra³. Ao tentarem propor modelos e hipóteses teóricas sobre a linguagem, os linguistas procuram que esses modelos dêem conta do funcionamento da linguagem dita corrente. O funcionamento da linguagem poética, quando encarado, só o é pela via do desvio, da infracção, sendo a linguagem poética concebida, portanto, como um excedente, uma manifestação anormal da prática linguística⁴. Creio, no entanto, que nenhum modelo do funcionamento da linguagem (linguagem «tout court», sem adjectivos) será completo e correcto se não incluir, ao menos potencialmente, a explicação do fenómeno literário. Toda a teoria da linguagem é também teoria da literatura (e vice-versa). Poderíamos até ir ainda um pouco mais longe: a própria criação literária enquanto manifestação de uma vivência da língua, enquanto conhecer poético da linguagem, é já, só por si, um contributo importante para uma teoria da linguagem. É desse aspecto que quero ocupar-me neste trabalho.

³ Não podemos deixar-nos iludir pela utilização sistemática que em certa época faziam os linguistas de *cor porá* constituídos por exemplos extraídos de textos literários. Quando essa prática era corrente o linguista só procurava, na utilização de exemplos literários, uma garantia (em nome de um critério de autoridade) da autenticidade das frases analisadas (*rases*, note-se). Tratava-se, pois, de uma utilização inespecífica e claramente abusiva que não hesito em considerar uma manifestação de desrespeito pelo texto literário. Ainda bem que tal prática foi caindo em desuso com a crescente utilização de um *corpus* oral e com o reconhecer da competência do linguista, enquanto falante, para «fabricar» os seus próprios exemplos.

⁴ Esta crítica que faço aos linguistas em geral obriga-me a um duplo esclarecimento. Primeiro, ela envolve também uma auto-crítica: eu própria, em artigo recente, fiz referência ao contributo da Linguística ao estudo do texto literário como um meio de «mieux saisir la différence à partir de la régularité, Poriginalité à partir de la banalité» (FONSECA, F. I., *Deixis et anaphore temporelle en portugais*, in «Actes du XVII^e Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes», Aix-en-Provence, 1983, vol. IV, p. 391; também reproduzido na «Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas», II série, vol. II, Porto, 1985, p. 292). Segundo, a minha crítica não exclui o reconhecer de que há excepções: a mais notável, entre elas, é sem dúvida H. Weinrich

1.1. A actividade linguística é fundamentalmente uma actividade cognoscitiva⁵. Na criação poética, enquanto actividade linguística que essencialmente é⁶, acentua-se essa mesma função cognoscitiva: a criação poética constitui, antes de tudo, a formulação/descoberta de uma mundividência, de um conhecimento. De um *conhecer poético* na expressão de Herculano de Carvalho:

«*Poesia* é pois para nós sinónimo de *conhecer poético*, isto é, de uma forma específica de apreensão cognitiva do mundo do real»^{6bis}.

Atentando em que a linguagem é, além de meio, também objecto de conhecimento, a criação poética constitui um momento excepcionalmente fecundo do exercício da bem conhecida capacidade introspectiva

que sempre baseia em textos literários (*textos*, não frases) as suas penetrantes análises de factos linguísticos. Textos literários que não encara como «desvios» ou «infracções» mas antes como manifestações naturais (as mais naturais?) da prática linguística. Atente-se no seguinte comentário de Weinrich, que contém uma crítica implícita ao carácter artificial que tantas vezes têm os exemplos da «linguagem corrente» utilizados pelos linguistas: «La littérature nous offre, encore une fois, des situations plus naturelles». (WEINRICH, *Tempus. Besprochene und erzählte Welt*, Kohlhammer, Stuttgart, 1964, tradução francesa *Le Temps*, Seuil, Paris, 1973, p. 79).

⁵ Cf. Herculano de Carvalho: «...aquilo que constitui primariamente a essência da linguagem é, como destacou E. Coseriu em conexão com Cassirer, a sua natureza de actividade cognoscitiva.» «Inovação e criação na linguagem. A metáfora», *Estudos Linguísticos*, II, Coimbra, Atlântida, 1969, p. 108). Vejam-se também as páginas que o mesmo autor consagra ao «Conhecimento como função interna da linguagem» na *Teoria da Linguagem*, I, Coimbra, Atlântida, 1967. A aproximar igualmente da concepção de linguagem como «sistema modelizante do mundo» de Jurij Lotman e da escola soviética de semiótica de Tartu (ver SILVA, V. M. Aguiar e, *Teoria da Literatura*, 4.^a edição, Coimbra, Almedina, 1982, pp. 88 e segs.).

^e «...aquilo a que chamamos acto poético não é inicialmente outra coisa senão um acto de fala; não é *todo o acto verbal* mas é *sempre um acto verbal*» CARVALHO, J. Herculano de, «Sobre a criação poética» in *Estudos Linguísticos*, II, p. 174). Cf. também SELVA, V. M. Aguiar e, *ob. cit.*, p. 544 «O texto literário, nas suas estruturas semânticas, sintácticas e pragmáticas, é possibilitado e regulado originária e substantivamente por mecanismos de semiose literária actualizados pelo autor e pelo leitor — mecanismos de semiose literária que pressupõem necessariamente e que potenciam todas as virtualidades dos mecanismos da semiose linguística.» (sublinhado por mim).

^ebis Herculano de Carvalho, «Conhecer poético e símbolo», in *Estudos Linguísticos*, III vol., Coimbra, Coimbra Editora, 1984, p. 265.

da linguagem que costuma ser designada como actividade *metalinguística*. Toda a criação poética é, assim, implicitamente, uma actividade metalinguística, enquanto manifestação de um conhecimento directo, vivencial, da linguagem através de si própria⁷. Um conhecimento que é o resultado de uma comunhão (e de uma ascese...) e que estaria para a Linguística como o conhecimento místico para a Teologia.

Em certos criadores literários, a força dessa vivência da linguagem, desse conhecer poético, é tão grande que acaba por explicitar-se e o poeta desdobra-se num teórico da linguagem⁸. É bem conhecido o caso de Paul Valéry, a quem foi inclusivamente consagrado um estudo intitulado *Paul Valéry Linguiste*⁹. E há outros exemplos dessa «junção inseparável» a que se refere Jakobson quando diz, a propósito de Novalis:

«...j'ai été enchanté à jamais de découvrir chez-lui, comme en même temps chez Mallarmé, la jonction inséparable du grand poete avec le profond théoricien du langage»¹⁰.

Entre nós destaca-se o caso de Vergílio Ferreira em cuja obra encontramos, a partir de certa altura, uma reflexão explícita sobre a linguagem. Surpreendemo-la nos ensaios, nomeadamente em *Invocação ao meu Corpo*¹¹ — obra extremamente original que se impõe estudar

⁷ «A poeticidade vai assim ao ponto de a linguagem se focar a si própria; e até expressamente, enquanto metalinguagem», afirma Jacinto Prado Coelho no seu artigo «Vergílio Ferreira: um estilo de narrativa à beira do intemporal», in *Ao Contrário de Penélope*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1976, p. 288.

⁸ O caminho inverso também já tem sido percorrido: o teórico da linguagem desdobra-se em criador literário. A todos ocorrerá o caso de Roland Barthes.

⁹ SCHMIDT-RADEFELDT, J., *Paul Valéry linguiste dans les Cahiers*, Paris, Klincksieck, 1970.

¹⁰ *Apud* TODOROV, T., *Théories du Symbole*, Paris, Seuil, 1977, p. 340. Cf. também YAGUELLO, Marina, *Alice au Pays du Langage*, Paris, Seuil, 1981, p. 13: «Les mots sont au poete [...] un matériau vivant à façonner avec amour et pour le plaisir—ce qui n'exclut pas la réflexion théorique. Queneau, Vian, Perec, Mallarmé, Palhan, Jarry, Breton, Apollinaire, Lewis Carroll et bien d'autres peuvent être consideres, à des degrés divers, comme des théoriciens du langage».

¹¹ São de destacar, nesta obra e no que diz respeito à temática da linguagem, os capítulos VII («O «Eu» e o Presente»), XV («Subjectividade do Corpo»), XVI («Ode ao meu Corpo») e XVII («Na Hora Técnica»).

mais a fundo e incluir entre as «obras maiores» de Vergílio Ferreira ¹² —; no *Prefácio* à tradução portuguesa de *As Palavras e as Coisas* de M. Foucault¹³; em vários passos de *Conta-Corrente* e mesmo em alguns dos seus romances. Em *Rápida, a Sombra*, por exemplo, foca a problemática da linguagem pela via da ironia, troçando do discurso teórico da Linguística (estruturalista). Mas, dentre os seus romances, é sobretudo em *Para Sempre* que o tema da linguagem é explicitamente tratado, estando até incluída no romance (pela voz de um professor que dá uma aula na Universidade) uma exposição teórica sobre Filosofia da Linguagem.

Nas reflexões que faz sobre a linguagem nestes (e noutros) pontos da sua obra são focados por Vergílio Ferreira temas clássicos da Filosofia da Linguagem como o das relações linguagem-pensamento, o do relativismo linguístico do conhecimento, o da arbitrariedade do signo linguístico. A extensão e profundidade da sua reflexão sobre a linguagem conferem a Vergílio Ferreira o direito de ocupar um lugar de relevo no panorama, quase deserto entre nós, da Filosofia da Linguagem ¹⁴. Tenciono ocupar-me desse assunto num estudo de

¹² Poucos meses depois de ter escrito este texto (que foi apresentado em Março de 1986 no Colóquio *Teoria da Linguagem/Teoria da Literatura*, em Évora) tive o gosto de ler no vol. IV de *Conta-Corrente* (saído em Junho de 1986) o seguinte desafabo de Vergílio Ferreira: «...releio *Invocação ao meu Corpo* /.../ e descubro inesperadamente que escrevi um bom livro de que praticamente ninguém deu conta /.../. Creio que disse alguma coisa de novo. De qualquer modo, *vivi-o* pessoalmente, assim por força algo de novo devo ter assinalado. E é quanto basta para prezar o meu livro e estranhar que quase ninguém tenha dado conta dele, como têm que dar conta amanhã. Porque ele é absolutamente novo na nossa tradição literária, ó ingratos! e mesmo, bons deuses, filosófica. Se não é, é favor dizerem-mo para eu tomar nota e o juízo que puder. E amochar.» (*Conta-Corrente* 4, p. 46).

Dessa estima «um pouco clandestina» que tem por *Invocação ao meu Corpo* dá também conta Vergílio Ferreira num passo da carta que me escreveu após ter lido a versão deste artigo apresentada em Évora: «E de passagem quero agradecer-lhe emocionado o admitir seja considerado um dia uma das minhas «obras maiores» o *Invocação ao meu Corpo*, que eu tenho estimado um pouco clandestinamente pela razão de quase ninguém o ter referenciado em destaque». (Agradeço a Vergílio Ferreira ter-me autorizado a transcrever aqui este passo da carta que me endereçou em 25-04-86).

¹³ Intitula-se esse Prefácio «Questionação a Foucault e a algum estruturalismo» e ocupa as páginas XXI a LV da tradução portuguesa de *As Palavras e as Coisas* de M. Foucault (Lisboa, Portugália Editora, 1968).

maior fôlego. Neste artigo, porém, interessa-me sobretudo o que Vergílio Ferreira nos diz sobre a linguagem a um outro nível: aquele que já referi como o do conhecer poético. Em Vergílio Ferreira é aliás impossível separar o filósofo do poeta, o conhecimento discursivo, racional, da vivência poética. Como ele próprio diz:

«O que a arte nos ensina não é puro discernimento, é a relação mais profunda de nós próprios como o mundo, é verdadeiramente o *ver*».

(*Espaço do Invisível*, I, p. 35).

1.2. Ao estudar a teorização explícita sobre a linguagem em qualquer criador literário não deveremos, pois, separá-la da sua raiz, dessa parte subterrânea que se confunde com a própria criação poética e em relação à qual as formulações teóricas explícitas não são mais que prolongamentos externos.

Este estudo constitui, a meu ver, uma tarefa fascinante para o linguista. Entre as duas formas de conhecer a linguagem — a do poeta e a do linguista — há certamente diferenças, desde a base. Não creio, no entanto, que devam ignorar-se. Nem muito menos antagonizar-se.

Do alto (do fundo...) do seu conhecer poético da linguagem, Paul Valéry afirmou:

«La linguistique ne nous apprend rien d'essentiel sur le langage»¹⁵.

Não é necessariamente esta conclusão que o linguista deverá tirar — numa atitude suicida — da sua pesquisa sobre o conhecer poético da linguagem. Mas não deverá também opôr-se a esse tipo de conhecimento, ou simplesmente ignorá-lo, entrincheirando-se numa — não menos suicida — obsessão de cientificidade. Oscilantes entre estas duas tendências suicidas estão, aliás, sempre as Ciências Humanas:

¹⁴ Um lugar no âmbito da Filosofia da Linguagem e também da Filosofia em geral: *Um filósofo lusitano: Vergílio Ferreira* é o título de um estudo de José Rafael de Menezes publicado em «Convivium» (Revista Brasileira de Filosofia) e reproduzido em GODINHO, Helder, *Estudos sobre Vergílio Ferreira*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982, pp. 307-319.

¹⁵ *Apud* SCHMIDT-RABEFELDT, J., *Paul Valéry Linguiste dans les Cahiers*, p. 11.

a sua própria designação contém dois termos que se degladiam internamente, como já tão bem o exprimiu Lévi-Strauss ao dizer que as Ciências Humanas serão tanto mais ciências quanto menos humanas¹⁶.

Confessada ou inconfessadamente o linguista é, afinal, extremamente sensível às intuições sobre a linguagem que encontra nos textos poéticos. A prova disso é que as escolhe frequentemente como *epígrafe* para os seus livros, os seus capítulos, os seus artigos.

Não está ainda estudado o estatuto textual e semiótico da *epígrafe*. A função do título tem sido largamente considerada. A da *citação* também. A *epígrafe* compartilha do estatuto do *título* e do da *citação*. Mas defini-la como *citação-título* está muito longe de ser satisfatório para a compreensão da sua função semiótica. Há muito mais. No caso particular do uso de epígrafes literárias em textos de Linguística há claramente, quanto a mim, a manifestação do fascínio que despertam no esforçado linguista essas corporizações ágeis de um conhecimento poético da língua.

Por outras palavras, há a confissão indirecta, por parte do linguista, do seu amor à língua. Nem será necessário lembrar Jean-Claude Milner e a sua bela obra *UAmour de la langue*¹⁷ para provar que todo o linguista, mesmo quando usa as formas mais «secas» e «científicas» de abordagem da língua, é guiado, em última análise, pelo seu amor da língua, pela sua intuição. E não resiste, por vezes, a «pedir emprestadas» ao poeta (o amante assumido da língua) certas formulações geniais das suas próprias vivências e intuições. Vivências e intuições que ele, linguista, por dever (ou por convenção?) de ofício só pode exteriorizar sob o aparto (o disfarce...) do discurso científico.

Paixão recalçada, fascínio por uma linguagem proibida, «voyeurisme»... Seriam sem dúvida estas algumas pistas a explorar para uma compreensão da função das *epígrafes* literárias em textos linguísticos...

¹⁶ Luta interna que Gilbert Durand tão expressivamente compara ao antagonismo entre a «cigarra» e a «formiga»: «O nosso papel de práticos do texto ou das ciências do homem, tão desacreditado por prometeus agonizantes, inverte de certo modo a fábula da cigarra e da formiga. Nós pregamos pelas cigarras. O nosso papel é interpretar melhor as obras de cultura para «tocar» melhor o papel englobante por excelência, o papel da nossa condição que é a condição humana.» (DURAND, G., *Mito e Sociedade: a Mitanálise e a Sociologia das Profundezas*, Lisboa, À Regra do Jogo, 1973).

¹⁷ MILNER, J.-C., *UAmour de la langue*, Paris, Seuil, 1978.

A importância do conhecer poético como teoria da linguagem é, pois, reconhecida, ao menos implicitamente, pelos linguistas. Vou tentar mostrar quão fascinante e fecunda pode ser a sua consideração explícita, debruçando-me sobre a obra de Vergílio Ferreira, manifestação das mais flagrantes desse conhecer/conviver íntimo, directo--poético da linguagem.

2. Vergílio Ferreira. A Palavra. A procura da Palavra. Procura obsessiva. Sempre. Para Sempre.

2.1. As múltiplas formas de abordagem da obra de Vergílio Ferreira conduzem quase sempre a um levantamento de «temas obsessivos», na expressão de Eduardo Lourenço¹⁸, temas que se materializam em certas palavras-chave, «predilecções vocabulares», «obsessões verbais», como as designa Oscar Lopes¹⁹.

A linguagem (que Vergílio Ferreira sempre designa, de forma poética, como a *Palavra*) só raramente terá sido apontada como um desses temas obsessivos. Constitui claramente, no entanto, um dos temas fundamentais da obra de Vergílio Ferreira. Eu iria ao ponto de afirmar — o seu tema por excelência. A «obsessão temática» susceptível de representar o denominador comum às várias predilecções verbais/temáticas a cuja detecção tanto se presta, tanto se tem prestado, a obra vergiliana.

Não estou a tentar escamotear o lugar central que aí ocupa o Homem (com maiúscula), o Homem — problema existencial. Pelo contrário. Porque a linguagem, a *Palavra*, surge exactamente em Vergílio Ferreira como primeira e última instância da definição do Homem e da sua relação com o mundo:

«Uma consciência só se exerce, só realmente existe, se encarnada na *palavra*. Assim, pois, a palavra é a expressão definitiva do homem».

(*Invocação ao meu Corpo*, p. 290).

¹⁸ Cf. LOURENÇO, Eduardo, *Mito e obsessão na obra de Vergílio Ferreira*, comunicação ao «Colóquio-Homenagem a Vergílio Ferreira» (Porto, Maio/Junho 1977), reproduzida em Hérder Godinho, *ob. cit.*, pp. 381-338.

¹⁹ LOPES, Oscar, Comunicação ao *Colóquio-Homenagem a Vergílio Ferreira* (Porto, Maio/Junho 1977), in GODINHO, Hélder, *ob. cit.*, pp. 486 e 487.

Primeira e última instância que não passa, afinal, de uma ilusão. Uma ilusão à qual o homem se agarra para sempre, porque não há outra:

«...nenhuma outra ilusão vem render a ilusão que nos toma dentro de uma língua — porque é dentro dela que tudo tem de resolver-se».

(*Prefácio a As Palavras e as Coisas*, p. XLIII).

Quando Eduardo Lourenço fala, a propósito de Vergílio Ferreira, do «...silêncio do homem obrigado à ficção para se crer existente»²⁰, esta «ficção» é, quanto a mim, a própria linguagem, a *Palavra*.

2.2. Em *Aparição* surge já bem clara, com a «aparição» da Palavra, a consciência dessa ficção:

«Como, Carolino? Sabes então já a ilusão das palavras, acaso a fragilidade de um encontro através delas?»

(*Aparição*, p. 76).

Este o comentário interior de Alberto Soares à narração hesitante e angustiada que lhe fizera o Bexiguinha do seu embate com a opacidade da palavra:

«— Também fiz outra experiência, Senhor Doutor.
— Que experiência?
— Bem, não sei como explicar. É assim: *mastigar as palavras*.
— Mastigar as palavras?
— Bem... É assim: a gente diz *pedra, madeira, estrelas* ou qualquer coisa assim. E repete: *pedra, pedra, pedra*. Muitas vezes. E depois *pedra* já não quer dizer nada»²¹.

(*Aparição*, pp. 75-76).

²⁰ LOURENÇO, Eduardo, *artigo citado*, p. 38.

²¹ A escolha da palavra *pedra* não é aqui indiferente: ela intensifica a *dureza* do embate com a materialidade do significante. E está em consonância com uma afirmação que surge antes, na mesma obra: «Mas as palavras são pedras» (*Aparição*, p. 44). Acode aliás frequentemente ao espírito de Vergílio

Fulgurante, nesta «experiência» do Carolino, o irromper da materialidade do significante, a «aparicação» da Palavra: espanto, grito, iluminação, alarme. «Aparicação», no fundo, da verdadeira condição do homem (tantas vezes invocada em *Aparicação*: «Se tu viesses, imagem da minha condição... Se *aparecesses*... (p. 44)). Condição do homem prisioneiro da Palavra, que ele inventou (inventa) mas que também o inventou (inventa); do homem dependente dessa palavra — sinal — objecto cuja transparência lhe é tão indispensável como o ar que respira e cuja opacificação é, assim, sentida como uma angustiante «falta de ar» (afirmará Vergílio Ferreira em *Conta--Corrente*: «...ela é a nossa respiração do mundo, a Língua» (I, p. 229).

Aparicação tem sido a vários títulos considerada uma obra—ponto de partida, de (re)início, uma das obras que, no conjunto da produção de Vergílio Ferreira, constituem o que Maria Alzira Seixo refere como:

«...ilhas conceptuais que funcionam como hipóteses de saltos epistemológicos numa caminhada narrativa que se assume fundamentalmente como a caminhada do homem»²².

Parece-me indiscutível que *Aparicação* é também um ponto de partida da pesquisa que Vergílio Ferreira empreende no âmbito da problemática da linguagem, da *Palavra*. Também em relação a este problema, talvez sobretudo em relação a ele, Vergílio Ferreira poderia dizer, com o narrador de *Aparicação*, que nunca mais «soube inventar outro»:

«Portanto eu tinha um problema: justificar a vida em face da inverosimilhança da morte. E nunca mais até hoje eu soube inventar outro».

(*Aparicação*, p. 48).

Ferreira a palavra *pedra* quando fala da linguagem: «As palavras são então como as pedras» (*Alegria Breve*, p. 90); «Tu dizes «pedra» ou o pensas, tu dizes «pão», «água» e tudo isso se instala plenamente, densamente, numa totalidade disso e de ti» (*Invocação ao meu Corpo*, p. 292); «Que é uma palavra? Que é a fala? Terei que dar um nome às pedras e às estrelas. E só então elas serão a desgraça e a beleza» (*Alegria Breve*, p. 94).

²² SEIXO, Maria Alzira, *Discursos do Texto*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1977, p. 181.

Aliás o tema obsessivo da *Morte* (eu preferiria dizer o tema obsessivo da *Vida*, pois na mundividência de Vergílio Ferreira a Morte funciona claramente como um écran negro em que se inscrevem e destacam com redobrada nitidez os contornos brilhantes da Vida)²³ está intimamente ligado ao da *Palavra*. Só a Palavra por dizer permanece para além da Morte («As palavras são a morte das coisas»). Como constata Jaime em *Alegria Breve*:

«Mas ao fim de todas as mortes, nos limites do silêncio, há um fantasma sem nome, oblíqua presença de nada. Se eu pudesse dar-te um nome — a ti quê? quem? Só assim te mataria talvez. Um nome — rede invisível, irreal prisão de sons breves».

(*Alegria Breve*, p. 136).

Ser capaz de dizer exorcisa, liberta, mas mata. A morte de Deus consumou-se no próprio acto de lhe ser dado um nome. É o que não se conseguiu ainda dizer que permanece vivo. Daí a procura incessante do que está ainda por dizer. Na formulação feliz de Maria da Glória Padrão:

«À procura do nome, da voz, da música, da palavra não dita, se tece o texto espantado e comovido de Vergílio Ferreira»²⁴.

A pesquisa da Palavra confunde-se, assim, com a pesquisa da condição humana. Uma procura obsessiva, até ao fim. Em *Para Sempre*, que quis ser romance do Fim, fim da procura, fim da existência, a Palavra ainda não foi encontrada.

«Sei que o livro [*Para Sempre*] há-de ser a procura da palavra virgem e irradiante, a primeira e essencial...».

(*Conta-Corrente*, II, p. 264).

²³ Cf. LOURENÇO, Eduardo, *art. citado*, p. 386; «A morte é vida negada, mas nessa negação a sua suprema fulgurância. É sobre um fundo de morte que se recorta a «breve alegria» em que Vergílio Ferreira resume, num dos seus mais perfeitos romances, a essência mesma da aventura humana».

²⁴ PADRÃO, Maria da Glória, *O texto e a voz*, comunicação ao «Colóquio-Homenagem a Vergílio Ferreira» (Porto, Maio/Junho 1977) in GODINHO, Hélder, *ob. cit.*, p. 463.

Primeira ou última? Fim ou princípio?

«...aqui estou. Vida finda /.../. A palavra ainda, se ao menos. A palavra final. A oculta e breve por sobre o ruído e a fadiga. A última, a primeira».

(*Para Sempre*, p. 16).

«... a palavra primordial, a da loucura, a palavra informada, anterior posterior a todo o vozear do mundo. A palavra do abismo».

(*Para Sempre*, p. 108).

Em *Para Sempre* a procura da Palavra intensifica-se, explicita-se, torna-se obsessiva. As interrogações sucedem-se como soluções precárias (a formulação de uma pergunta é já uma solução, pois uma interrogação antes de ser procura de uma resposta é procura de uma formulação ²⁵), mas até ao fim há uma palavra por dizer, há algo que permanece vivo:

«Há uma palavra qualquer que deve poder dizer isso, não a sabes — e porque queres sabê-la? É a palavra que conhece o mistério e que o mistério conhece — não é tua».

(*Para Sempre*, p. 306).

Procura em labirinto, procura interminável. Uma porta que se abre dá sempre para outra porta: o infinito humano está encerrado na finitude do homem. Até ao fim e para sempre: pesquisa da Palavra, pesquisa do Homem, pesquisa da Palavra enquanto ser do Homem («A Palavra é para ser, sem ela não sou»). Da Palavra que o Homem diz e que o diz. Da Palavra a que o Homem dá existência dando-se existência:

«...a palavra é a expressão definitiva do homem».

(*Invocação ao meu Corpo*, p. 290).

«...le langage enseigne la définition même de rhomme» ²⁶.

²⁵ «A interrogação alarmou-nos, ela acabou em pergunta» (*Invocação ao meu Corpo*, p. 21).

²⁶ BENVENISTE, E., «De la subjectivité dans le langage», in *Problèmes de Linguistique Générale*, I, Paris, Gallimard, 1966, p. 259.

3.1. Inevitável citar Benveniste. Irresistível o paralelo flagrante a coincidência da concepção humanista da linguagem em Vergílio Ferreira com a do autor de «L'homme dans la langue» e de «Le langage et l'expérience humaine», com o linguista que melhor compreendeu e explicitou que o homem se define «dans et par le langage»²⁷.

O Homem na e pela Palavra seria também uma formulação bem adequada à temática da obra de Vergílio Ferreira, como tentei mostrar.

Trata-se de uma coincidência, é evidente. Seria impossível supor uma «influência» de Benveniste em Vergílio Ferreira: aliás *Aparição*, onde irrompe já a temática da linguagem, é anterior à parte mais representativa da obra de Benveniste.

Vergílio Ferreira virá, mais tarde, a ler Benveniste, a quem se refere na *Conta-Corrente*. Mas é bem visível que este linguista não o tocou muito²⁸, tendo Vergílio Ferreira identificado Benveniste com as posições anti-humanistas do estruturalismo ortodoxo.

Data justamente do contacto de Vergílio Ferreira com o estruturalismo (contacto difícil, polémico, traumático) o seu interesse explícito pela problemática da linguagem. Ele próprio o diz, na *Conta-Corrente*:

«O estruturalismo pôs-me o problema grave (o único) da significação da linguagem. Como é que os romancistas se não preocupam com esta coisa tremenda que é o alcance da palavra com que escrevem?».

{*Conta-Corrente*, I, p. 27}.

²⁷ BENVENISTE, E., «Le langage et l'expérience humaine», *ob. cit.*, II, p. 67.

²⁸ Vergílio Ferreira não mostra nunca grande sintonia nem com os linguistas nem com a Linguística. Diz em *Conta-Corrente* (I, p. 360) referindo-se a uma sua conversa com um professor de Linguística: «Linguística à baila. Derrida, Foucault. Não acertámos ideias. Para mim a febre da Linguística tem um significado negativo». E num passo bem conhecido de *Rápida, a Sombra* fustiga de ridículo as terminologias ocas que estiveram em voga nos momentos mais delirantes da «moda» da Linguística. Esta «antipatia» por um certo tipo de Linguística é uma atitude normal nos poetas: basta pensar, por exemplo, na afirmação de Paul Valéry já antes citada («La Linguistique ne nous apprend rien d'essentiel sur le langage») ou no poema «Exorcismo» de Carlos Drummond de Andrade.

Na realidade esse «problema grave (o único)» já se lhe tinha posto antes, pelo menos desde *Aparição*. Essa «coisa tremenda» já o preocupava profundamente há muito tempo. Só que talvez não o soubesse. A sua afinidade com Benveniste, também Vergílio Ferreira a não sabe: ao referir-se a Benveniste, na *Conta-Corrente*, classifica até de «inconcebível absurdo» uma sua tese:

«A tese de Benveniste é que a subjectividade é uma consequência ou construção a partir do uso do pronome pessoal *eu*: o *eu* é o que diz *eu* como sujeito do discurso. Inconcebível absurdo!».

{*Conta-Corrente*, I, p. 123}.

3.2. Vergílio Ferreira inclui, pois, Benveniste no conjunto que Eduardo Prado Coelho diz ser para ele esse «adversário constante» constituído por:

«...todas as formas de pensamento que procuram ou reduzir o *eu* a um mero efeito de determinadas máquinas estruturais, ou reduzir o *eu* mesmo a um lugar, isto é, a uma topologia»²⁹.

É um facto que Benveniste, ao dar relevância ao dispositivo formal da enunciação, ao trazer para a luz o carácter eminentemente deíctico da linguagem, concebe o *eu* do locutor como um centro a partir do qual se desenha uma rede de referência topológica.

Mas a *deixis* está longe de se esgotar numa topologia.

Torna-se bem claro em Benveniste e no desenvolvimento da linguística pós-benvenistiana (na Teoria da Enunciação que dele se reclama, mas não só) que o colocar da problemática deíctica no centro da reflexão sobre a linguagem esteve longe de se cifrar num mero contributo a uma linguística formal e desumanizada. Pelo contrário: os deícticos revelaram-se como o «calcanhar de Aquiles» de qualquer formalização do sistema linguístico que se queira apresentar como «invulnerável» ao homem e às suas circunstâncias³⁰.

A consideração do *eu*, do sujeito da enunciação, postulando um *tu* e com ele constituindo o centro de irradiação da linguagem, consideração-base numa Teoria da Enunciação, abriu caminho ao

²⁹ COELHO, Eduardo Prado, Comunicação ao «Colóquio-Homenagem a Vergílio Ferreira, in GODINHO, Hélder, *ob. cit.*, p. 343.

³⁰ Cf. FONSECA, Fernanda Irene, *art. cit.*, p. 380.

aparecimento de uma Linguística vivamente interessada por todos os aspectos humanos do uso da linguagem.

O que não está em desacordo com a preocupação formal que caracteriza a rigorosa pesquisa de Benveniste sobre as línguas. A importância fundamental do contributo de Benveniste cifra-se justamente no facto de ter procurado enraizar e fundamentar a inserção do homem na língua, demonstrando a sua inscrição no próprio sistema formal das línguas naturais³¹.

Sistema formal e uso (*langue e parole*, na terminologia saussureana) são tão inseparáveis como são (e porque são) inseparáveis a língua e o homem:

«Nous n'atteignons jamais rhomme séparé du langage et nous ne le voyons jamais Finventant /.../ Cest un homme parlant que nous trouvons dans le monde, un homme parlant à un autre homme, et le langage enseigne la définition même de Fhomme»³².

A língua, enquanto sistema formal, guarda em si as marcas da sua origem, que se confunde com a do homem. Origem remota e sempre actual (izada), que se identifica com a situação de um homem face a outro homem, no centro do Mundo, no princípio e no fim do Tempo, procurando, na ilusão da Palavra, remediar uma irremediável solidão:

«...se reflète dans la langue Fexpérience d'une relation primordiaie, constante, indéfiniment réversible, entre le parlant et son partenaire. En dernière analyse, c'est toujours à Facte de parole dans le procès de Féchange que renvoie Fexpérience humaine inscrite dans le langage»³³.

³¹ «E. Benveniste escreveu um estudo de grande impacto acerca da inserção da *homem* na língua, estudo em que procurava detectar, nas línguas naturais, alguns traços e, até, segundo pensava, alguns fundamentos da subjectividade humana, e isso sob a forma de dispositivo da enunciação, isto é, de tudo aquilo que toca às iniciativas, alternâncias e entrecruzamentos do discurso, dentro da categoria gramatical de *pessoa* (e *não-pessoa*) tal como ela se define no processo de comunicação». LOPES, Oscar, *Algumas particularidades do Português, e especialmente do Português europeu, que importam à teoria semântica linguística universal*, in «Acta do Congresso sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo», Lisboa, p. 85.

³² BENVENISTE, E., «De la subjectivité dans le langage», *ob. cit.*, I, p. 259.

³³ BENVENISTE, E., «La langage et l'expérience humaine», *ob. cit.*, I, p. 78.

A organização interna da língua revela, pois, o homem e o cerne da sua condição existencial. Benveniste consegue demonstrá-lo ao analisar as categorias gramaticais de *pessoa* e *tempo*. Era bem esse o seu intento, como ele próprio explicita ao resumir o tema do conjunto de artigos que reuniu sob o título «L'homme dans la langue»:

«...c'est l'empreinte de l'homme dans le langage, définie par les formes linguistiques de la «subjectivité» et les catégories de la personne, des pronoms et du temps»³⁴.

Vergílio Ferreira, nas suas intuições e/ou reflexões sobre a língua foi também particularmente sensível às noções de pessoa e tempo, como mostrarei.

3.2.1. A instituição do *eu* no discurso, a capacidade que tem o falante de *dizer eu*, é o ponto de partida da teoria de Benveniste.

Em Vergílio Ferreira a evidência deste carácter fundamental do acto de *dizer eu* surge já em *Aparição*:

«Ela diz *eu* e quando diz *eu* é uma força enorme, uma maravilha extraordinária».

(*Aparição*, p. 267).

É uma afirmação de Carolino. O mesmo Bexiguinha que já tinha feito a descoberta angustiante da opacidade do signo linguístico descobre agora também essa «maravilha extraordinária» que acontece quando alguém diz «eu»³⁵. A evidência do *poder dizer «eu»*, que Vergílio Ferreira acentua em *Invocação ao meu Corpo*:

«Não existe «eu» *mais* o meu corpo: sou um corpo que pode dizer «eu»».

(*Invocação ao meu Corpo*, p. 253)³⁶.

³⁴ BENVENISTE, E., «Avant-Propos», *ob. cit.*, I.

³⁵ No debate que se seguiu à comunicação de Eduardo Prado Coelho no *Colóquio-Homenagem a Vergílio Ferreira* (Porto, 1977), Maria Alzira Seixo afirmou, com grande pertinência: «...toda a problemática do «eu» é a partir de *Aparição* que é, por assim dizer, programada. Quer dizer, o problema da emergência do «eu», o problema da descoberta da palavra como sintoma do «eu»...». (Ver GODINHO, Hélder, *ob. cit.*, p. 367).

³⁶ O capítulo em que surge esta afirmação tem como título «Subjectividade do Corpo», o que não deixa de representar alguma coincidência com

Essa evidência que, em termos de Benveniste, é a capacidade que o falante tem de, ao *dizer «eu»*, instituir a sua própria existência, a do Outro e a da Língua:

«Dès que le pronom *je* apparait dans un énoncé ou il évoque — explicitement ou non — le pronom *tu* pour s'opposer ensemble à *il*, une expérience humaine s'instaure et dévoile l'instrument linguistique qui l'a fondé»³⁷.

Na relação aqui estabelecida entre *eu* — *tu* e *ele* está em síntese a teoria de Benveniste sobre os pronomes pessoais. Contestando a enumeração tradicional em que se hierarquizam primeira, segunda e terceira pessoas (*eu, tu, ele*) com os respectivos plurais (*nós, vós, eles*), Benveniste parte de uma oposição básica («correlação de personalidade») nesta categoria gramatical, entre *pessoa (eu — tu)* e *não-pessoa (ele)*:

«...La définition ordinaire des pronoms personnels comme contenant les trois termes *je, tu, il*, y abolit justement la notion de personne. Celle-ci est propre seulement à *je — tu* et fait défaut dans *il*»³⁸;

«...dans la classe formelle des pronoms ceux dits de troisième personne sont entièrement différents de *je* et *tu* par leur fonction et par leur nature»³⁹;

o título do artigo de Benveniste, «De la subjectivité dans le langage». Aliás em *Invocação ao meu Corpo* outros títulos nos fazem pensar em Benveniste: «Espaço do Originário, o «Eu»»; «Coordenadas»; «O «Eu» e o Presente». Esta semelhança não passa, obviamente, de pura coincidência; *Invocação ao meu Corpo* foi escrito em 1966 (está datado na p. 329), ano em que foram pela primeira vez publicados em livro os artigos de Benveniste. Não parece verosímil que, numa altura em que Benveniste era apenas conhecido por um círculo de especialistas de Linguística, Vergílio Ferreira tivesse lido *Problèmes de Linguistique Générale* no próprio momento da sua publicação em Paris. Ainda mais inverosímil seria a hipótese de ter conhecido os artigos de Benveniste aquando da sua primeira publicação em revistas científicas da especialidade. O contacto de Vergílio Ferreira com textos de Benveniste foi, sem qualquer dúvida, posterior a *Invocação ao meu Corpo*.

³⁷ BENVENISTE, E., «Le langage et l'expérience humaine», *ob. cit.*, p. 68.

³⁸ BENVENISTE, E., «La nature des pronoms», *ob. cit.*, I, p. 251.

³⁹ *Ibidem*, p. 256.

«La «troisième personne» n'est pas une «personne»; c'est même la forme qui a pour fonction d'exprimer la non-personne»⁴⁰.

Em *Invocação ao meu Corpo* Vergílio Ferreira refere-se também aos pronomes pessoais:

«Um «eu» ou um «tu» não têm género não tendo, ao mesmo tempo, plural. A própria língua o reconhece — a língua, essa forma primordial de a nós e ao mundo nos reconhecermos. /.../ O género existe apenas para o «ele» porque o «ele» entra no domínio das coisas, está longe da relação imediata de uma profundidade a outra. /.../ um «eu» não tem plural. Porque o plural de «eu» é «nós» e não «eus». Para que o plural fosse «eus» seria necessário que a irredutibilidade que eu sou fosse uma redutibilidade».

{*Invocação ao meu Corpo*, pp. 76-77)⁴¹.

Benveniste assinala igualmente, e em termos quase coincidentes, esta impossibilidade de pluralizar *eu*:

«...dans les pronoms personnels le passage du singulier au pluriel n'implique pas une pluralisation. /.../ Il est en effet clair que l'unicité et la subjectivité inhérentes à «je» contradisent la possibilité d'une pluralisation»⁴².

3.2.2. Se passarmos à categoria *tempo* a convergência entre Vergílio Ferreira e Benveniste mantém-se, acentua-se até.

Poucos linguistas exprimiram tão bem como Benveniste a dimensão antropocêntrica do *tempo* linguístico, dimensão que o distingue, desde a base, das noções homónimas mas radicalmente diferentes de *tempo físico* e *tempo cronológico*. Citando H. Weinrich, um outro lin-

⁴⁰ BENVENISTE, E., «Structure des relations de personne dans le verbe», *ob. cit.*, I, p. 228.

⁴¹ Sublinhado por *mini*.

⁴² BENVENISTE, E., «Structure des relations de personne dans le verbe», *ob. cit.*, I, p. 233.

guista que pode disputar com Benveniste a primazia na compreensão profunda do tempo linguístico:

«Une théorie linguistique du temps ne saurait évidemment invoquer un traditionnel *ordo rerum* ni tenir pour inscrite dans les faits la division en présent, passe et futur. Ce qu'elle propose est de mettre le procès de communication au point de départ de toute réflexion syntaxique»⁴³.

Poucos escritores terão captado e dado forma a essa mesma dimensão humana do tempo linguístico como Vergílio Ferreira. A sua concepção do tempo — que explicita em vários pontos da sua obra e que está implícita na própria construção dos seus romances⁴⁴ — é a de um tempo linguístico, antropocêntrico, eminentemente humano («tempo insidiosamente humano», diz Maria da Glória Padrão)⁴⁵.

Remontando, uma vez mais, a *Aparição* destaco uma afirmação que condensa, em bela cristalização, toda uma teoria linguística do tempo:

«O tempo não passa por mim; é de mim que ele parte».

{*Aparição*, p. 269}.

E no mesmo passo de *Aparição* está expressa a irredutibilidade do presente:

«Mas o tempo não existe senão no instante em que estou /.../ cada instante — centro de irradiação para o sem-fim de outrora e de amanhã».

{*Aparição*, p. 269}.

⁴³ WEINRICH, H., *Ob. cit.*, tradução francesa, p. 67. H. Weinrich faz derivar de Santo Agostinho a crítica à concepção do tempo linguístico como decalque da divisão objectiva tripartida da «*ordo rerum*»: «Sa critique philosophico-théologique ne touche pas aux temps de la langue, mais corrige la théorie des trois moments: ils ne nous sont donnés que dans la mesure ou nous les avons présents à l'esprit. Il faudrait donc dire: «Praesens de praeteritis, praesens de praesentibus, praesens de futuris». (WEINRICH, H., *ob. cit.*, p. 66).

⁴⁴ O estudo mais completo sobre o tempo no romance de Vergílio Ferreira continua a ser o de Maria Alzira Seixo, em BARAHQNA, Maria Alzira, *Para um estudo da expressão do tempo no romance português contemporâneo*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1968, pp. 99-151.

⁴⁵ PADRÃO, Maria da Glória, *art. cit.*, in GODINHO, Helder, *ob. cit.*, p. 456.

Escolhi, para confronto, três entre muitas possíveis citações de Benveniste:

«Le temps linguistique se réalise dans l'univers intrapersonnel du locuteur comme une expérience irrémédiablement subjective et impossible à transmettre»⁴⁶;

«Le temps a son centre dans le présent de l'instance de parole /.../ Ce présent est reinventé chaque fois qu'un homme parle»⁴⁷;

«Le présent linguistique est le fondement des oppositions temporelles dans la langue. Ce présent qui se déplace avec le progrès du discours tout en demeurant présent constitue la ligne de partage entre deux autres moments /.../ Ces deux références ne reportent pas au temps mais à des vues sur le temps projetées en arrière et en avant à partir du présent»⁴⁸.

Este carácter fundamental, modalizante, mas «fugaz» do *presente*⁴⁹ é acentuado por Vergílio Ferreira em mais que um momento:

«...o passado se reabsorve no nosso presente, modalizado por esse presente que somos — presente /.../ que o não é senão através das relações que a partir dele estabelecemos com o passado e o futuro. Porque o presente não existe nem como instante: o presente presentifica-se em forma de fuga»⁵⁰.

(Da *Fenomenologia a Sartre*, p. 102).

⁴⁶ BENVENISTE, E., «Le langage et l'expérience humaine», *ob. cit.*, II, p. 76.

⁴⁷ *Ibidem*, pp. 73-74.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 75.

⁴⁹ Veja-se o tratamento lógico-linguístico da noção de *presente* em LOPES, Oscar, *Para um conceito semântico operativo de presente*, Comunicação ao «Colóquio sobre Teoria do Texto», Évora, 1985.

⁵⁰ A concepção de *tempo* que Vergílio Ferreira condensa neste pequeno excerto poderia perfeitamente ser «lida» como um programa que segue na construção temporal dos seus romances. Na sua técnica narrativa (que se vai progressivamente apurando, transformando-se numa técnica de «desnarratização») o *presente* só se presentifica, realmente, «em forma de fuga» — para o passado e para o futuro — «reabsorvendo e modalizando» esse passado e esse futuro. Quase inexistente como objecto de narração, o *presente* tem,

«O que existe para o homem é o absoluto da sua hora e tudo o que para lá existe, existe apenas coordenado com ela, a ela subordinado../-../ O futuro e o passado irradiam de nós».

(*Invocação ao meu Corpo*, pp. 80 e 83).

Uma concepção linguística, humana, do tempo é, obviamente, uma concepção deíctica: é em relação ao *eu*, irreduzível marco de referência, que se arquitecta uma frágil construção temporal cujo carácter efémero o homem tenta iludir metaforizando-a em termos espaciais, mais concretos. E o conceito de tempo, metaforicamente espacializado, vai depois por sua vez servir de base a uma nova rede deíctica espacial (textual) abrindo-se um novo campo mostrativo (o espaço concreto do texto) onde o processo deíctico recomeça sob a forma de anáfora. Num dos capítulos de *Invocação ao meu Corpo*, significativamente intitulado «O Eu e o Presente», este «mecanismo» é admiravelmente intuído por Vergílio Ferreira:

«Indizível tessitura de tudo, ele [o tempo] está mesmo não apenas em si, como tempo, mas no espaço como lugar. Para entender esta folha em que escrevo /.../ *o tempo vem ter comigo e estabelece um antes e um depois no alto e no baixo...*»⁵¹.

(*Invocação ao meu Corpo*, p. 79).

3.3. Do confronto entre as concepções de *tempo* de Benveniste e Vergílio Ferreira conclui-se que elas se juntam numa só, convergindo no reconhecimento de que se é impossível conceber o tempo independentemente do *eu* que lhe dá origem é igualmente impossível conceber esse *eu* senão como fruto existencial da vivência do tempo.

no entanto, um papel preponderante: não só por representar, banalmente, o ponto de referência a partir do qual a construção da narrativa toma forma, mas sobretudo porque é o *presente* que *faz existir* o passado e o futuro, é o *presente* que dá o «tom» e a matéria à narração. Os factos narrados raramente se situam no *presente*, mas situa-se no *presente* a *emoção* que os recria. (Cf. BARAHONA, Maria Alzira, *ob. cit.*). O capítulo de *Invocação ao meu Corpo* intitulado «Do Passado e do Futuro» fornece igualmente pistas insubstituíveis para a compreensão da construção temporal dos romances de Vergílio Ferreira. (Ocupo-me deste assunto num trabalho, em elaboração, sobre *Tempo e Narração*).

⁵¹ Sublinhado por mim.

Coincidindo nesta concepção antropocêntrica do tempo linguístico, Vergílio Ferreira e Benveniste fazem-no de um modo que excede a expectativa dos respectivos públicos leitores e postulam, por isso, quer um quer outro, uma leitura transversal.

O romancista que é Vergílio Ferreira não se limita à exploração psicológica, mais ou menos profunda, da vivência humana do tempo, antes faz dela uma indagação teórica sobre o homem e a linguagem. No linguista que é Benveniste a compreensão, profundamente linguística, da categoria gramatical *tempo* não se esgota num mero tratamento formal, antes se enriquece à luz de uma reflexão sobre a experiência humana do tempo.

Um e outro se situam, a meu ver, num plano alto da indagação teórica, porque um e outro questionam a *evidência*. Essa atitude é mais uma afinidade entre ambos, talvez a afinidade fundamental.

«*Evidência*» é uma das «obsessões verbais» de Vergílio Ferreira (isolada ou, mais frequentemente, acompanhada de adjectivos como «*fulgurante*», «*absoluta*», «*alarmante*»); Benveniste começa o mais famoso dos seus artigos afirmando que é preciso «mettre en question l'évidence», «demander à l'évidence de se justifier»⁵².

Um e outro questionam, realmente, as evidências. Questionam, no fundo, uma só evidência: a da própria existência do Homem revelando-se na e pela linguagem. Algo como «falo, logo existo».

Diz Maria Alzira Seixo, ao prefaciar a tradução portuguesa de «O Homem na Linguagem», que esta obra de Benveniste constitui

«...uma análise linguística pura que, não obstante, ou talvez por isso mesmo, se torna ao mesmo tempo *reflexão filosófica sobre a colocação existencial com implicações muito prolongadas*»⁵³.

A parte que sublinhei seria plenamente aplicável também à obra de Vergílio Ferreira. A base existencialista da reflexão filosófica de Vergílio Ferreira é, aliás, sobejamente (re)conhecida. Seria extre-

⁵² BENVENISTE, E., «De la subjectivité dans le langage», *ob. cit.*, I, p. 528.

⁵³ SEIXO, Maria Alzira, Prefácio à tradução portuguesa de *O Homem na Linguagem* de E. Benveniste, Col. Práticas de Leitura, Lisboa, Arcádia, 1976, p. 17.

mamente tentador e sugestivo procurar estabelecer também as possíveis ligações filosóficas de Benveniste com o existencialismo.

4. Esta aproximação entre Vergílio Ferreira e Benveniste vem provar o que afirmei no início desta comunicação: o criador literário e o linguista podem encontrar-se no seu conhecimento — adquirido por vias diferentes — sobre a linguagem. E o surpreender desse encontro pode ser extremamente enriquecedor quer para a Linguística quer para a Literatura, quer sobretudo para o espaço da sua intersecção que é a Teoria da Linguagem.

Mas, mais ainda do que esta convergência, impõe-se sublinhar o significado profundo, original, único, de que fica investida a totalidade da obra de Vergílio Ferreira ao inserir-se no domínio da Teoria da Linguagem. Ao unificar-se numa pesquisa da Palavra pela via do *conhecer poético* e pela via da *reflexão* que desse *conhecer poético* emana sem chegar nunca a dele se separar.

É impossível, em Vergílio Ferreira, separar o poeta do filósofo. Poetas e filósofos estão, aliás, sempre próximos, como o reconhece, do lado da filosofia, Victoria Camps:

«La filosofía — o la metafísica — como la literatura, es simple expresión de emociones y sentimientos, com la diferencia de que *el filósofo no se resigna a ser un simple poeta, pretende decir algo más objetivo y fundamental /.../: no habla de si mismo, sino dei hombre, no describe su mundo, sino el mundo*»⁵⁴.

Corrigindo a parte que sublinhei nesta afirmação de V. Camps, eu diria que Vergílio Ferreira *não se resigna a ser um simples filósofo, pretende dizer algo mais fundamental: falar do Homem falando de si mesmo*⁵⁵, *descrever o Mundo descrevendo o seu Mundo*.

...A Palavra só existe quando assumida por um «eu». O que nos levaria de novo a Benveniste. E de novo também ao encontro entre o escritor e o linguista, o poeta e o investigador. A criação

⁵⁴ CAMPS, Victoria, *Pragmática dei lenguaje y Filosofia Analítica*, Barcelona, Ediciones Península, 1976, pp. 244-245.

⁵⁵ Cf. NEGREIROS, Almada, *Ensaio I*: «O poeta está sempre só, ou seja, com a humanidade inteira, desde o princípio até ao fim do mundo».

poética, pesquisa da linguagem, pesquisa sobre a linguagem, é também teoria da linguagem. E a investigação linguística, pesquisa do Homem na língua, pesquisa da língua enquanto marca do Homem, é também à sua maneira, quando (re)inventada na imaginação e no fascínio, criação poética⁵⁶.

Fernanda Irene Fonseca

OBRAS DE VERGÍLIO FERREIRA CITADAS NO TEXTO;
ROMANCES: *Aparição*, 3.^a edição, Lisboa, Portugália Editora, 1960; *Alegria Breve*, 5.^a edição, Lisboa, Livraria Bertrand, 1981; *Rápida, a Sombra*, Lisboa, Arcádia, 1975; *Para Sempre*, 2.^a edição, Lisboa, Livraria Bertrand, 1984;

ENSAIOS: *Invocação ao meu Corpo*, 2.^a edição, Lisboa, Livraria Bertrand, 1978; *Da Fenomenologia a Sartre*, Prefácio a *O Existencialismo é um Humanismo* de J. P. Sartre, Lisboa, Presença, 4.^a edição, 1978; *Questionação a Foulcaut e a Algum Estruturalismo*, Prefácio a *As Palavras e as Coisas* de M. Foulcaut, Lisboa, Portugália Editora, 1968; *Espaço do Invisível*, Lisboa, Portugália Editora, s/d.;

DIÁRIO: *Contra-Corrente 1*, 2.^a edição, Lisboa, Livraria Bertrand, 1981; *Contra-Corrente 2*, 2.^a edição, Lisboa, Livraria Bertrand, 1981; *Contra-Corrente 3*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1983; *Contra-Corrente 4*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1986.

⁵⁶ Cf. J. Schmidt-Radefeldt, *obra citada*, pp. 192-193: «Est-ce que *poésie* et *linguistique* sont incompatibles? /.../ Valéry, *poète* et *linguiste de vocation*, s'est toujours basé sur l'imagination créatrice dans les deux domaines de recherche /.../ l'imagination et l'intelligence, — en tant qu'actes mentaux—, sont en effet assez semblables. Création et connaissance ne sont pas forcément incompatibles; le conflit entre ces deux aspects de la pensée ne reste qu'une crise personnelle terminée par la prise d'une décision définitive».